

Professora doutora negra: Entrevista com Dawn Alexis Duke

Cristiane Sousa da Silva¹

Conheci a professora Dawn Alexis Duke no X Artefatos da Cultura Negra, que aconteceu em Setembro de 2019, na cidade do Crato (CE). Ela foi uma das docentes convidadas e participou de vários momentos do encontro, sua fala sempre muito potente e com palavras cirúrgicas no que tange às questões raciais no Brasil e na América Latina nos espaços de intervenção durante o referido evento.

A convite da professora Joselina da Silva, a quem desde já agradeço pela confiança, fui incumbida de entrevistar a professora Dawn Alexis Duke, a conversa aconteceu em dezembro de 2019, via WhatsApp. A entrevistada aceitou prontamente o convite para compor este livro e, muito solícita e atenciosa, nos concedeu esta entrevista.

Cristiane Sousa [CS]: Qual o seu nome? Onde a senhora nasceu?

Dawn Duke [DD]: Bom dia, Cristiane, tudo bem? Meu nome é Dawn Alexis Duke. Eu nasci na Guiana, República da Guiana, conhecida como a Guiana Inglesa. Fica ao lado da Venezuela e ao lado do Suriname, e faz fronteira com o Brasil, mais à parte da Amazônia do Brasil, né. É um país como o Brasil: quente, tropical da Amazônia, da América do Sul. Mas é um País que tem uma cultura assim mais... uma cultura caribenha, de um povo que fala inglês, mas é um inglês caribenho com todo aquele jeito cultural antilhano, aquele jeito de um povo negro, que, ou seja, não tem muito a ver com o resto da América Latina que é mais uma cultura hispana, brasileira. O meu país tem mais em comum com países como Trinidad e Tobago, Barbados,

¹ Professora do IFCE campus Aracati. E-mail: cristiane.silva@ifce.edu.br.

Jamaica e as outras ilhas onde tem um povo que tem uma herança negra, né.

CS: Qual é a sua formação? Em quais países você já viveu?

DD: Nossa, essa pergunta é bem difícil para mim. Eu estudei em vários países. Eu comecei a estudar na Universidade, nos anos 80. Eu me interessei pela questão das línguas estrangeiras, principalmente espanhol e português. De fato, a minha primeira língua estrangeira era francês, porque comecei a estudar francês primeiro, então fiquei com francês na cabeça. E depois o que aconteceu foi que o país mudou um pouco de direção política. E abraçamos os anos, vamos dizer final dos 70 e início dos 80 a gente abraçou muito a ideologia do socialismo, e nós ficamos bem mais próximos a Cuba, a China e à Coreia do Norte. Então, eu cresci neste ambiente de um país socialista. E, naquele momento a gente começa a nos aproximarmos mais a Cuba, que nos recebeu com braços abertos, e chegaram no país muitos professores, enfermeiras e médicos, porque o meu País era um país muito pobre e passava por bastante dificuldade. Também com a questão da nossa ideologia socialista, a gente ficou inimigo forte dos EUA, o que implicou um embargo. Então, em todo esse processo, eu cursando educação na escola secundária (universidade), eu entrei em contato com estes professores de Cuba, e eu fiquei muito influenciada de uma forma muito positiva pelo espanhol, pela ideia de fazer línguas estrangeiras, etc. Então, foi assim que eu saí um pouco mais da área do francês e entrei mais fortemente na área de espanhol. Em 1980 a mais ou menos a 85 a 6, eu acho que um pouco antes disso, eles abriram uma embaixada nova, um prédio novo da embaixada brasileira em George Town. George Town é a capital do meu país. Como parte deste novo projeto de uma nova embaixada naquele prédio bonito, eles abriram também um centro cultural brasileiro, e começaram a

oferecer cursos de língua portuguesa. Eu comecei a frequentar estes espaços e fiquei apaixonada pelo português, e eu continuei estudando o português na universidade da Guiana. E foi assim que eu comecei de fato a apreciar mais a questão da América Latina, espanhol, português. Era principalmente pela presença dos cubanos, pela presença dos venezuelanos e, justamente pela oportunidade que tive de participar em atividades no centro cultural brasileiro, que era parte da embaixada que existe até hoje.

Então, continuando nessa pergunta, eu cursei dois anos de universidade na Guiana, e depois eu tive que parar um pouco para fazer o meu serviço militar - serviço nacional que era parte daquela ideologia socialista, que envolvia um pouco a militarização da população. E todo mundo tinha que fazer o que eles chamavam de serviço nacional, que é um tipo de preparação para militar, mas também uma forma de devolver ao país um pouco do que o país estava dando para você, porque naquele sistema a educação era totalmente grátis. Então todo cidadão tinha a obrigação de fazer esse tipo de serviço nacional. O que acontece é que eu fiz o meu treinamento básico militar, 3 meses, e quando eu voltei para Capital eles me chamaram e me ofereceram essa bolsa para estudar no Brasil. Então, eu fiquei muito entusiasmada, eu fiz as malas e fui embora. Fui embora e acabei indo pro Belém do Pará, para a Universidade Federal do Pará, e foi uma experiência muito, muito forte. Primeira coisa porque foi um choque cultural tremendo, pode imaginar, né. Mas foi no final uma experiência maravilhosa e finalmente consegui me formar em Letras. Eu fiz tão bem que consegui fechar a licenciatura em 3 anos. Aí eu estava, eu era bolsista, naquela época bolsista da Guiana. Então, eu tinha obrigação para voltar para a Guiana para trabalhar, né. Mas eu me contactei com eles, e pedi permissão especial para usar o tempo que me sobrou, que era mais 2 anos, para

completar o mestrado antes de voltar. Eles aceitaram, então eu fiz concurso para entrar no programa de mestrado na UNICAMP, no IEL [Instituto de Estudo da Língua]. Então, eu fiz concurso e passei.

Então, continuando, eu passei no concurso na UNICAMP, entrei, e comecei a cursar mestrado em Linguística Aplicada, com concentração na área de tradução. Então, três anos mais tarde eu defendi a dissertação de mestrado. Eu trabalhei a questão de literatura nigeriana, Chinua Achebe, *Things Fall Apart - O Mundo Se Despedaça*, e a versão em francês também foi um projeto muito lindo, e passei muito bem.

Continuando, eu voltei para Guiana depois de terminar o programa na UNICAMP. Eu voltei para Guiana e comecei a dar aula de espanhol e português na minha universidade, na Universidade da Guiana, em Georgetown. Eu fiquei lá 5 anos, e depois eu consegui uma oportunidade. Eu apliquei, fiz uma aplicação em uma matrícula e consegui entrar para fazer doutorado. Ah não, não, antes disso, antes disso. Estou correndo demais. Então, eu estava trabalhando na Universidade da Guiana e, enquanto estive lá, eu parti para outro mestrado. Essa vez eu fiz o mestrado no departamento de Inglês, eu era professora no departamento de Línguas Estrangeiras, e eles abriram o mestrado no departamento de Inglês para fazer o mestrado em Literatura Inglesa, literatura mais ou menos da Inglaterra e do Caribe. Então, eu terminei este programa e chegando ao final deste programa eu decidi que eu finalmente queria fazer um doutorado na área de América Latina, especializando-me principalmente em estudos brasileiros. Porque eu sabia que eu tinha toda a preparação necessária para fazer um bom doutorado sobre Brasil. Então, eu fiz aquela prova difícil para poder entrar na universidade de nível de pós. Aí passei, quase não passei, mas consegui, passei e recebi... Eu fiz a aplicação para duas universidades: The Learning University, em New

Orleans (Nova Orleans), em Louisiana; e, a universidade de Pittsburgh, em Pensilvânia. Infelizmente, teve um problema com a aplicação para The Learning, perdi a data limite para poder entregar tudo, e mais umas duas semanas depois eu recebi uma carta de Pittsburgh aceitando, que eles me aceitaram para entrar no doutorado. Fiquei muito feliz. Então, eu abandonei a Guiana e fui morar 4 anos em Pittsburgh, para cursar essa universidade.

O programa de Espanhol, eu entrei no programa de Espanhol. Como dizem eles: estudos hispanos ou estudos hispânicos, é um dos 4 programas mais prestigiosos nos EUA. Os 4 programas são: estudos latino-americanos de Vanderbilt University, em Nashville; estudos latino-americanos de espanhol da Universidade de Texas, em Austin, Texas; estudos latino-americanos da Universidade de Florida, em Gainesville; e a Universidade de Pittsburgh, onde eu entrei. A Universidade Pitt fica na cidade de Pittsburgh, em Pensilvânia, que fica bem pertinho de Washington, DC. Então, morando lá eu cursei espanhol, literatura, cultura, estudos de gênero, tudo como eu queria. E claro, eu me concentrei nos estudos afro latino-americanos, com enfoque especial na escritura ou nas escritoras negras de Cuba e do Brasil. Então, essa foi a área da minha tese final.

A bolsa durou quatro anos. Então, chegando aos 4 anos eu tive que resolver o que ia fazer. Porque eu não tinha como ficar no país sem ter alguns recursos, né. Eu ainda não tinha terminado, ainda não tinha defendido a tese, estava escrevendo. Então, eu comecei a procurar trabalho e eles me ofereceram uma posição na Universidade de Tennessee, onde eu estou até hoje. Eu tinha 3 ofertas, mas eu escolhi a Universidade de Tennessee, porque era uma posição que combinava espanhol e português, ou seja, naquela época era quase impossível conseguir esse tipo de posição. Porque ou você escolhia espanhol ou você tinha que escolher português, e eu queria fazer os dois. Então

como pacote, para mim, era o melhor pacote que eu recebi, por isso que eu optei por vir para cá. Embora tivesse uma outra oferta que pagava mais. Mas de fato eu queria muito poder continuar com minha relação com o Brasil, não queria abandonar isso de jeito nenhum.

Eu finalmente defendi a tese, em novembro de 2003. Então, finalmente eu consegui passar a ser como podemos dizer, um professor doutor assistente. O meu primeiro livro saiu em 2008, e se chama "Literary passion: ideological commitment toward a legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian of women writers", e este foi meu primeiro livro que eu publiquei como autora, única autora, a única autora quer dizer. Então, eu tenho mais três livros com o meu nome como uma das organizadoras. Eu posso passar para você os títulos e os anos de publicação, se você me lembrar. Um dos livros de fato se chama "A Escritora afro-brasileira", que foi publicado pela Nandyala, em 2016. Então, essa é basicamente a formação. Até hoje eu continuo escrevendo muitos artigos, capítulos, contribuições de uma forma ou outra. Sobre a questão da escritura afro feminina na América Latina e do Caribe em inglês, do Haiti em espanhol e em português, principalmente essas são as áreas que eu trabalho. E tem sido uma carreira bem produtiva e que ainda continua produzindo ainda mais interesse, mais publicações e mais ideias, e ampliando um pouco a minha possibilidade de criatividade, mais na área de crítica literária.

CS A senhora já viveu no Brasil? Em que período? Viveu no Brasil como estudante ou como professora?

DD: Vivi sim, eu morei no Brasil. Vivi no norte, em Belém do Pará, entre 1988 e 1991, e depois passei a viver em Campinas, São Paulo, em 1994. Depois eu voltei para Guiana, pro meu país, e vivi ali 5 anos, até 1999. De lá eu fui embora viver em Pittsburgh, 4 anos ou pouco mais, e depois passei, em 2003, eu passei a viver em Tennessee, na cidade que

se chama Knoxville, onde eu moro até hoje. Eu vivo viajando entre Cuba e Brasil. Quase todos os anos eu vou para Cuba. Em cada 2 a 2 anos, dependendo do financiamento, eu vou ao Brasil. Então, no Brasil sempre como estudante, estudei muitos anos. Eu tenho licenciatura, 3 mestrados e 1 doutorado, o que leva anos para resolver. Então, eu sempre funcionava como estudante, mas também como professora, porque sempre dava aula. De alguma forma ou outra, eu tenho dado aula de português, espanhol e inglês. E eu tenho trabalhado como tradutora e intérprete; eu tenho sempre dado também, dado aula de inglês como língua estrangeira, para pessoas que queriam fazer toefl. Ou seja, sempre ensinando, dando aula. Sempre, na medida em que estudava e preparava a pesquisa, né.

CS: Conte um pouco de sua trajetória de vida. Conte um pouco da trajetória de vida de sua mãe como professora.

DD: A minha mãe nunca foi professora de sala de aula. Ela era funcionária pública. Ela trabalhava no Ministério de Educação. Eu tenho que passar o nome da minha mãe para você: Emilian Gloria Duke. Ela trabalhava na Guiana, no meu País, Georgetown, Guiana. Eu diria que a minha família era família típica de classe média. Caribenha, mas Caribe de língua inglesa. A gente investiu, ou seja, a família sempre investe muito na educação dos filhos. Então, na minha família todos somos muito bem educadas. Eu sou a segunda. Somos 6 irmãs por parte do pai e eu sou a segunda com doutorado. Eu tenho uma outra irmã que tem mestrado. Ela fez Engenharia Civil e ela agora é dona da sua própria empresa. Ela é uma profissional muito premiada por ser umas das poucas mulheres dona do seu próprio negócio, negócio muito grande, muito desenvolvido na área da Engenharia Civil, em Florida. E eu tenho umas outras duas irmãs. Uma irmã que é um pastor, ela mora no Canadá. As duas irmãs minhas que moram na

Guiana, elas são professoras: uma é uma professora de Matemática e agora é diretora do departamento de Matemática, em umas das melhores escolas secundárias na Guiana Inglesa. Então, de fato é uma família que investiu muito na educação e continua nessa direção. É uma expectativa que todo mundo vai ser muito bem educado. Então, falando um pouco da minha mãe: ela de fato é uma professora, mas não professora em sala de aula. Ela trabalha no Ministério de Educação, e ela é diretora da seção dela. A seção dela se chama Educação à Distância. É basicamente você estar preparando programas pelo rádio, programas de rádio, e estes programas são programas de aula, de aulas sobre Inglês, Matemática, Geografia, História. E é um tipo de projeto do governo para alcançar todas aquelas comunidades muito distantes num País. Por exemplo, na Amazônia, aquelas comunidades indígenas, pessoas que moram muito longe das cidades, para garantir... muitas vezes essas cidades não tem como mandar ou não tem como ter professores em sala de aula. Então, o governo manda rádios, e todos os dias estes rádios vão apresentar programas, que são de fato programas de ensino. Então, a minha mãe era diretora dessa seção e ela organizava esses programas. E organizava todo esse projeto de confirmar ou de passar rádios a essas escolas, ia gravar esses programas pelo rádio já praticamente. Ela era um tipo de apresentadora de rádio e professora ao mesmo tempo. Entendeu? Não sei se expliquei bem isso, me falta um pouco o vocabulário. A minha mãe se educou na universidade e ela se especializou na área de Educação e na área da Comunicação, em multimídia, especializando-se no uso do rádio como meio de ensino, ensino de escola primária e de escola secundária.

CS: A senhora enfrenta dificuldades no espaço acadêmico por ser uma mulher negra?

DD: Claro que sim. Isso é parte do que significa ser, numa universidade de categoria o número um em pesquisa, ou seja, uma Research One University. Normalmente essas universidades são universidades, são espaços ou são universidades brancas. São três tipos de universidades que existem: são universidades predominantemente brancas, universidades historicamente brancas e universidades historicamente negras. Estava falando os tipos de universidades que existem aqui. São basicamente nas questões de étnico raciais, no aspecto étnico racial. São três tipos de universidades: a universidade predominantemente branca, a universidade historicamente branca e a universidade historicamente e predominantemente negra. Ou seja, na história deste País, temos universidades com herança muito profunda de séculos. Universidades negras que foram formadas exclusivamente para educar a população negra. Hoje em dia, essas universidades estão confrontando muitas dificuldades financeiras e outros problemas. Mas de modo geral, é um espaço que atrai muitos estudantes pela natureza do ensino, pela qualidade do ensino e pelo fato de que os estudantes que fazem suas licenciaturas ou que estudam nestes espaços, de fato saem com uma confiança e uma formação que é diferente, é diferente daqueles estudantes negros que optam para ir para universidades predominantemente brancas. Então, basicamente, a minha universidade, a universidade de Tennessee é um espaço difícil para os professores, doutores, que somos os pesquisadores negros. É uma universidade que fica no sul do País. A região conhecida como a região mais racista do país. Região mais dividida por ter uma história, tem toda uma história relacionado com a relação dessa região em relação ao país como um todo. A minha universidade é uma universidade pública, é a universidade mais importante do estado, é a universidade do estado. Ela tem 4 campus, e a universidade de Tennessee, em Knoxville, é o campus mais importante, mais central,

mais grande etc.; tem todos os programas. De modo geral é um bom lugar para trabalhar. Mas, também é muito difícil para nós que somos professores de cor, porque somos muito poucos. Os professores de cor costumam não querer ficar aqui por muito tempo, porque se sentem isolados e a impressão é que você não vai conseguir receber os mesmos benefícios, os mesmos privilégios, e as mesmas oportunidades como os professores brancos. Porque é verdade. Faz tempo que eu estou aqui e fico observando sempre a política interna de muitas vezes promover pessoas ao seu redor, e você fica invisível. Você não consegue as mesmas oportunidades. É muito difícil chegar a ser um administradora, como eu. De fato eu consegui chegar a essa posição porque os outros professores que iam assumir essa posição, deixaram a universidade. Eles foram buscar emprego em outros lugares, onde eles iam se sentir mais confortável. É uma problemática que enfrenta muitas universidades do Sul. Não é só essa universidade. Só que a minha universidade é entre as piores nesta questão, e nessa incapacidade de reter os seus professores negros. É um negócio muito sério porque implica que eles não conseguem reter um certo tipo de pesquisador, um pesquisador que trabalha estes tipos de temáticas que tem que ver com diversidade, que tem que ver com raça, gênero, populações afro-americanos, africanos, etc., etc. Ou seja, tem certa necessidade melhorar o currículo nesse sentido. Mas, eles tem que conseguir uma maneira de melhorar o seu perfil como um espaço que trata, e que privilegia e que apoia em termos iguais e justos os seus professores negros. Não tem jeito, a universidade é a universidade por causa dos seus professores. Então, se tiverem um problema nesse setor, o currículo da universidade sofre muito. E isso é o que está acontecendo aqui: nós sempre estamos correndo para conseguir um outro professor novo, porque os professores negros vão embora. Só este ano perdemos mais 5 professores negros e vamos contratar 3, ou

seja, cada vez mais o número vai diminuindo, o que tem implicações muito sérias para o currículo, para os cursos que podemos oferecer, para a qualidade do ensino e, finalmente, para a qualidade do estudante que vai se formar daqui. Então, é uma problemática sim. Para mim, como mulher negra, pessoalmente, tem sido muito difícil. Eu fico em constante tensão com a instituição que sirvo, na instituição onde trabalho. É uma tensão que eu vivo diariamente, porque tudo que eu faço vai um pouco em contra a ideia da minha própria presença aqui como pessoa, como pesquisadora. Os primeiros estudantes negros que conseguiram entrar neste campus, que conseguiram formar-se neste campus, era somente no final dos anos 60 e início dos anos 70, ou seja, pode imaginar neste contexto que a instituição onde eu trabalho não foi feita originalmente pensando que um dia uma pessoa como eu estaria nesta posição. O que implica que a própria estrutura do sistema da universidade, eu sempre vou estar em tensão, eu sempre vou ter que estar em conflito com esta estrutura, o que dificulta a minha capacidade de avançar como profissional e como a própria administradora de um programa como Estudos africanos e afro-americanos que tem na sua própria forma de ser, e necessita um certo tipo de estrutura para prosperar, para expandir e para avançar.

CS: Com quais temas de pesquisa, a senhora trabalha?

DD: Eu sou especialista em Estudos literários do espanhol e do português do Brasil, ou seja, eu dou aula aqui de praticamente de tudo. Mas eu não dou aulas de língua estrangeira, aulas básicas de língua estrangeira. Eu dou aulas avançadas de língua estrangeira, espanhol e português. E eu dou aulas sobre cultura, cultura da América Latina, do Brasil, ou seja, tudo. Eu dou aula de literatura, sempre procurando dar preferência ao que eu pesquiso, que seria

autores e autoras afro latino-americanas, afro-diaspóricas, afrodescendentes e etc., da América Latina e do Caribe. E a minha especialização, o que fica mais perto do coração, seria a escritura afro-feminina, onde eu faço a maior parte das minhas publicações. São temas que eu trabalho em todos os níveis que eu dou aula. Eu dou aula a nível da graduação, em nível de mestrado, em nível de doutorado. Eu dou seminário de pós-graduação. Tudo, perfeito. Temáticas mais específicas, por exemplo, eu vou trabalhar a questão das vozes afro-femininas literárias na história, o desenvolvimento, quem são, se vamos contemplar uma história dessa literatura como seria. Eu também presto muita atenção em aspectos como a religião, a especificidade espiritual que é uma coisa muito forte na poesia. Por exemplo, na poesia de pessoas como Conceição Evaristo, Mirian Mauis, Melan Dun também, Tereza Cardines que é de Cuba, Hew Hil Nerera também de Cuba, etc. Eu trabalho a questão da expressão de como eles expressam a sua negritude; quer dizer, negritude no sentido de como é ser uma mulher negra, como é ser uma escritora. As duas coisas coincidem? Quais são os pontos de encontro, quais são os pontos de desencontro? Eu trabalho muito as questões estruturais do desenvolvimento da escrita literária, da escrita literária criativa. O estilo e o formato que você pode encontrar em, por exemplo, Um Defeito de cor da Ana Maria Gonçalves, é muito diferente do estilo que você encontraria por exemplo em Mine Mavis. Ou seja, eu fico observando os caminhos das ideias. Cada autora tem um a cinco pontos, momentos, eventos, questões que a inspiram. Então, é muito importante poder entender e captar isso no momento de fazer a crítica literária daquela escritora. Eu tenho que falar com elas. Muitas vezes, elas escrevem coisas que são óbvias, mas não necessariamente são muito abertas, ou seja, eu que não sou brasileira eu tenho que ter muito cuidado em fazer uma interpretação mais adequada, mais

próxima, mais certa, do que elas pretendem dizer. Muitas vezes, eu faço uma interpretação que não é bem a direção que ela queria. Ou seja, é um trabalho constante e sempre tem coisas novas. A escritora, como qualquer pessoa, sempre fica em constante transformação, tem várias etapas de vida, várias etapas e várias formas de pensar. E estas etapas depende da vida da pessoa. Às vezes as pessoas mudam de lugar, mudam de perspectiva, e tudo isso vai ser refletido na produção criativa das escritoras. Ou seja, os temas de pesquisa vão acompanhando um pouco a trajetória de cada escritora ou a trajetória do gênero. O gênero no Brasil agora é maravilhoso, tem muitas escritoras. É muito diferente de uns 10, 15, 20 anos atrás quando você tinha um par de pessoas com quem trabalhar. Hoje, as novas gerações estão escrevendo muito. E aqui tem muitos escritores que não conheço ou que estou começando a conhecer. Isso tem mudado muito a forma de eu pensar o gênero, o gênero da literatura afro feminina na América Latina e no Brasil.

CS: O racismo provocou alguma dificuldade para que você se tornasse uma doutora? Quais as dificuldades?

DD: Eu diria que de modo geral não foi tão ruim assim. Eu tive um par de momentos quando, de fato, eu notei certas discrepâncias em questões de importância do que eu fazia, dentro do contexto maior de estudos latino-americanos, na universidade de Pittsburgh. Porque eu saí da Guiana em 99, e fui a Pittsburgh para cursar o doutorado. Inicialmente, eles me deram uma pessoa para me guiar, uma professora. Ela era uma professora judia, e ela de fato não sabia nada do que eu me interessava, ela não sabia nada de estudos afro latino-americanos, etc. Era mais uma professora de Linguística, mas era a pessoa disponível que podia me orientar como estudante nova, chegando pela primeira vez para fazer estudos na universidade de

Pittsburgh. E também essa questão do próprio contexto nacional, porque eu cheguei como estudante estrangeira. Então, eu tinha uma bolsa especial, porque eu tinha conseguido uma bolsa da Pró-Reitoria, que me liberava de dar aula. Porque no sistema aqui, se você chegar como estudante de pós, você tem por obrigação ensinar. Você ensina para eles e eles pagam a sua universidade, e pagam a você uma bolsa para poder sobreviver. Então, eu tinha um bom perfil acadêmico, eu consegui uma bolsa que me liberou da pressão de ter que ensinar, desde o primeiro instante. Então, por isso eu pedi para ela [orientadora], eu queria fazer 4 cursos. Ele me diz não, não pode; a segunda coisa que ela me diz foi que eu queria colar grau e queria sair com o diploma em mestrado, a nível de mestrado. Eu já tinha 2 mestrados, mas eu sabia que eu precisava pelo menos ter um diploma da universidade de Pittsburgh, porque eu sabia que talvez não ia conseguir terminar a tese a tempo para poder conseguir trabalho. Se por acaso eu não conseguisse terminar no prazo da bolsa – porque se a sua bolsa terminar você tem que voltar pro seu país, você não pode ficar ali. Porque a bolsa está conectada ao seu visto como estudante estrangeira. Então, tinha todas essas coisas na minha cabeça. Mas ela não me apoiava, ela não... diz: não, você não pode fazer o mestrado, não tem tempo, você só tem 4 anos de bolsa e não vale a pena, e não, e não, e não. E eu abandonei, eu tive que deixar de tê-la como orientadora. Eu não fiz nada do que ela me aconselhou, porque ela estava pensando que eu não ia conseguir fazer nada. Então, eu tinha que deixar de usá-la. E eu fiz 4 cursos e sai com nota A em todos os cursos. E ainda mais um ano e meio mais tarde, eu consegui sair com o diploma, o certificado de mestrado. Porque eu consegui terminar o mestrado lá por exames. Porque você tem dois caminhos: você pode fazer o mestrado por exames, ou você pode fazer por dissertação. Eu fiz exames e me saí muito bem. Então, são coisas assim, ou seja, você

tem que ser bem segura e não necessariamente fazer o que o sistema exigir. Você tem que lutar um pouco, porque você tem que se conhecer e reconhecer que você tem habilidades, apesar do que as pessoas pensam. Eu quando entrei no doutorado, eu era a primeira estudante, o primeiro estudante negro, isso em 99. Eles até aquele momento não tinham nenhum estudante a nível de pós, de doutorado, nenhum estudante negro. Então, eu sai em 4 anos; 4 anos e 3 meses eu consegui defender e sair com o doutorado. Outra dificuldade era trabalhar, com quem trabalhar, quem ia escolher como orientador. Tinha um professor negro ali, mas o problema é que ele não era professor titular. E todo mundo ficou um pouco assustado quando eu decidi trabalhar com ele, porque todo mundo estava preocupado porque ele não era professor titular, e é um risco trabalhar com alguém que não era. Mas, depois de 3 anos, eu observei que não queria trabalhar com nenhum dos professores lá, pelas questões dos seus caminhos teóricos, as suas personalidades. E eu notei também que muitos deles eram muitos famosos, tinham muitos estudantes, não trabalhavam na minha área que era a literatura afro da diáspora, a literatura caribenha, a literatura afro latino-americana. Não trabalhavam nessa linha. E o professor, o único professor negro lá, ele sim, ele trabalhava essa linha. Então, eu decidi me arriscar. E todo mundo dizendo: não, é um risco, você não deve trabalhar com ele. E eu disse: não, não. Todo mundo está trabalhando com o professor que é da sua especialização, porque eu ia fazer diferente? Então, eu trabalhei com ele, e quando eu defendi eu era o seu primeiro estudante e foi uma defesa maravilhosa, de muito sucesso. E a partir desse momento, mudou por completo a opinião geral, a opinião institucional e a opinião de que os colegas tinham dele. Ou seja, são dificuldades acadêmicas, institucionais. Você tem que insistir em fazer, apesar do que eles dizem ou do que eles pensam que vocês deveriam estar

fazendo. Isso é um pouco o estilo da dificuldade que eu passei lá. E também um pouco de isolamento. Eu era a única mulher negra no programa, eu era a única mulher negra quase em todos os sentidos. Era muito difícil ter seminários, palestras, encontros ou conferências sobre a temática afro na América Latina. Bem mais difícil ainda era encontrar qualquer coisa sobre a temática da literatura afro-brasileira, não existia. Eu tinha que trabalhar e recriar do zero para poder realizar a pesquisa como eu queria fazer. As pessoas naquela época não combinavam as coisas. Por exemplo, se você estudava espanhol, você ficava só em espanhol, ou seja, América Latina hispana. Se você fazia Brasil, você tinha que ficar somente naquilo. O que eu fazia então era um pouco inédito, ou seja, o meu interesse era justamente a escritura afro-feminina, que transbordava as fronteiras linguísticas. Eu queria Caribe, América Latina, ou seja, não era uma questão de língua era uma questão de área, de esfera, da esfera afro-feminina de produção literária. Então, tinha aquela dificuldade institucional de montar a banca, quem ia fazer parte da banca; as pessoas tinham que saber português e espanhol, e era quase impossível encontrar quem tinha essas habilidades. Era uma confusão total. Tudo bem. Ou seja, dificuldades sistêmicas. Mas também que me impactaram de uma forma muito pessoal, mas ao mesmo tempo que me fortaleceram e eu fiquei ainda mais determinada a terminar tudo isso.

CS: A senhora observa situações de racismo no seu dia a dia?

DD: Claro que sim, né. São vários tipos: são interpessoais, são institucionais, são questões do cotidiano, no dia a dia, o que significa viver aqui no Sul, numa cidade de Tennessee, leste, numa área que tem muitas divisões. E também tem a questão da própria profissão, né. Ou seja, vários níveis. Então, um pouco mais sobre a questão do racismo no seu dia a dia. para mim, o mais importante seria a questão

da profissão. Então, eu escrevi um pouco sobre isso no meu artigo, que saiu este ano na Unisinos. Para mim, o mais difícil seria a questão das oportunidades e a questão do tratamento. Você recebe na profissão – estou num nível um pouco mais alto. Sou administradora numa das principais universidades do Sul, do programa de estudos africanos e afro-americanos e também do programa de português, ou seja, de fato eu agora fico como uma das, talvez uma de mais, acho que só tem 1 ou 2 outras mulheres que tem essa posição, esse nível de posição administrativa na universidade. Essa é uma universidade de quase 29 mil estudantes. Uma das maiores universidades. Ou seja, é uma luta diária contra uma sensação de isolamento. É muito difícil, às vezes, conseguir implementar projetos. Às vezes, eu luto muito com a estrutura de poder e privilégios que existe aqui, que é uma estrutura onde predomina as figuras masculinas brancas. Sempre que eu vou para reuniões eu serei a única professora negra, numa mesa de maioria homens brancos; talvez um par de mulheres mais. Ou seja, estar numa posição de liderança, numa universidade predominantemente branca como essa, implica que você vai ter que aguentar muito as circunstâncias que vêm com essa posição. Cria uma certa marginalização. Às vezes, o ponto de vista que eu tenho nas reuniões tem menos valor. Questões de racismo ou questões de discriminação quando eu expresso uma opinião sobre uma situação nesse sentido; muitas vezes os outros professores nem sempre estão de acordo comigo, ou acham que eu sou um pouco provocadora de tensões. Não tem jeito. A minha própria presença só por estar ali nesse grupo provoca tensão. Não tem outra forma de ser. Neste sistema universitário, somos muito poucas, muito, muito poucas mulheres. E eu acho que nós, às vezes, podemos fazer muito mais para nos unir, para nos apoiar, para ajudar uma à outra. Mas cada pessoa tem a sua personalidade, têm os seus problemas. Muitas vezes o próprio sistema,

a estrutura do lugar cria essa dificuldade de nos reunir. Somos muito poucas mulheres, profissionais a este nível, o que implica que não temos pessoas ou mulheres de gerações mais velhas que podemos usar como apoio ou para pedir conselhos. Ou seja, o resultado é que ficamos repetindo os mesmos erros: trabalhamos demais; não focamos nas nossas pesquisas; ficamos isolados; não aprendemos o sistema, evitamos como uma rede, criando uma rede; sentimo-nos isolados; ficamos muito estressados pensando na questão de ter que publicar - porque aqui é publicar ou perecer. Você tem que publicar se você vai manter a posição ou receber um aumento salarial; não comunicamo-nos entre nós mesmas; a tendência é que de fato a gente vai se ignorar uma a outra por qualquer razão. Muitas vezes, normalmente, é mais uma questão de medo, temos medo de formar um grupo, de fortalecer-nos, porque a instituição provoca esses tipos de reações. Ou seja, muitas vezes fazemos mais trabalho que deveríamos fazer e muitas vezes esse trabalho não recebe o reconhecimento que deveria receber. Para nós, a promoção é muito difícil. Dificilmente a gente vai ter a oportunidade de subir no sistema. De modo geral, também ganhamos muito menos que os nossos colegas brancos, homens e mulheres. Os salários das mulheres normalmente ficam em baixo, mesmo sendo professores titulares. Os salários são publicados, você pode entrar na página web e ver quem ganha, que você vai observando que consistentemente que os salários das mulheres negras africanas internacionais, mulheres de cor, normalmente são bem mais baixos. De modo geral, a mulher internacional, a mulher estrangeira, de cor, tem o pior salário. Eu sei dessas diferenciações porque eu sou administradora, e tenho acesso a essa informação. Mesmo dentro do nosso programa de estudos africanos e afro-americanos, a tendência é que o homem, os homens, e o homem branco, o professor branco, vai ganhar bem mais. Ou seja,

não é fácil continuar em posição. Você gasta muitas energias e você acaba, às vezes, sendo desilusionada, com muita desilusão. Você fica pensando que talvez não vale a pena, quando de fato é o seu caminho de carreira e você deveria estar desenvolvendo-se, abraçando esse caminho, com uma visão mais positiva do futuro. Mas de fato é um caminho bem difícil e eu acho que a dificuldade estar mesmo na questão do isolamento, e a tendência de não ter quem te ofereça um certo apoio profissional, etc. Em questões do programa, é uma luta constante como chefe de um programa de estudos afro. Porque eles não querem financiar, eles te dão um orçamento muito pequeno, eles não querem contratar novos professores, não, não, não, não, não, e não. Então, tudo é uma luta tremenda. Às vezes, eu sinto que eu tenho que lutar 3, 4, 5 vezes mais que os outros programas, porque eu sempre tenho que está justificando a minha existência, a nossa existência, dentro do contexto institucional.

CS: Como mulher negra, quais são os seus sonhos?

DD: Eu estou vivendo os meus sonhos agora. Eu sou uma profissional. Estou trabalhando muito, estou publicando, estou pesquisando, estou terminando um segundo livro, editando. Espero que um dia eu vou conseguir promoção para professora titular. Ou seja, para mim estou num momento muito bom de vida e de realizações. Eu tenho muito o que contribuir ainda. E, bom, eu acho que esse é um bom momento para mim, de modo geral.

CS: Como a senhora observa o processo de orfanização das mulheres negras no Brasil e na América Latina?

DD: Orfanização, eu vou pensar que tem a ver com órfãos, de não ter pai e mãe, por esse caminho. Eu, pessoalmente, eu não diria isso. Eu acho que, sabe, que faz uma décadas que estou nesta temática, e para

mim eu acho que a perspectiva – se você olhar a perspectiva, ou seja, você pode pegar de vários caminhos, de várias formas de pensar isso. Para mim, pensá-lo negativamente é uma forma de fazer uma injustiça consigo mesma, com você mesma. Ou seja, para mim, quando eu penso a temática da mulher negra, de modo geral assim, em todos os seus aspectos, todas as suas formas de ser. Para mim, é uma temática altamente positiva, que não tem nada negativo nessa forma de ser, de pensar, de existir. Nesse sentido, eu sou muito otimista. Talvez até eu sou uma idealista, né. Dito isso, para mim, a questão da experiência histórica dentro da América Latina e do Caribe que passamos por mulheres estupradas, violentadas, escravizadas etc., essa experiência era talvez o momento breve na história total da nossa existência no planeta, o que para mim tem mais valor. Para mim, contemplar este momento e contemplar só isso, é uma injustiça contra nós. A gente tem que pensar-se como parte de uma herança orgulhosa, milenar, com todas as suas práticas existenciais, tradições, formas de pensar, conhecimentos, sabedorias. Neste contexto, um pouco mais epistemológico seria, para mim, não termos como nos negar. Existimos como pessoas que têm sua própria dignidade, seu próprio orgulho de ser, e é dessa perspectiva que eu escrevo sobre a produção escrita da mulher negra na América Latina e no Caribe. Ou seja, para mim, quando eu observo a produção, a capacidade, o talento e a criatividade das escritoras, é impressionante. E é bem forte pensando que estão fazendo toda essa produção com muito, muito poucos recursos. Quase não tem nada e mesmo assim, nessas condições precárias de dificuldades, estão fazendo maravilhas, estão criando maravilhas. Ou seja, para mim, esse é um processo glorioso, um processo impressionante, um processo que me dá muito orgulho. Eu sou parte dessa linha existencial. E eu acho importante compartilhar e estudar, analisar, explicar, porque muitas vezes têm

peças que não entendem como somos, o que fazemos, etc. Então, eu acho que precisamos não concentrar-nos nos momentos imediatos, sem levar essa perspectiva em consideração, que este momento de dificuldade que a gente está transitando agora é uma coisa do Brasil, da América Latina, do Caribe, do mundo, mas ao mesmo tempo é uma coisa para superar; não uma coisa para deter, contemplar, sofrer e ficar deprimida, tudo isso. Ao contrário, a gente tem que pensar e desenvolver estratégias para superar, conquistar, passar, desafiar e ir em frente.

CS: Alguma coisa mais que a senhora gostaria de acrescentar?

DD: E já, eu acho que vou parar aqui, não tenho nada mais para acrescentar. Espero que essas ideias ajudem nessa entrevista. Desculpe o meu mau português. E, qualquer coisa, me liga, tá. Um abraço forte.

CS: Muito obrigada, profa. Dawn Duke, pela entrevista e em nome da profa. Joselina da Silva agradeço sua colaboração para o nosso livro.